

**A LINGUAGEM DOS PERIÓDICOS DE ÉPOCA,
EM TORNO À ESCRAVIDÃO**

Maria Lucia Mexias-Simon (CiFEFiL)
mmexiassimon@yahoo.com.br

RESUMO

Com a presença dos cativos africanos em terras brasileiras ocupada por portugueses, formaram esses, maneiras de falar a respeito daqueles, visando a mantê-los em submissão e a regularizar a nova situação. Esses usos linguísticos foram registrados em documentos autênticos, inclusive periódicos da época, no município de vassouras, importante centro escravagista, no século XIX, fase áurea da economia cafeeira no vale do Paraíba. O aprendizado da língua do *senhor* é invólucro para o aprendizado de uma série de rituais, regulamentos, fórmulas para o dia adia, que vão, mais ou menos rapidamente, assegnoreando-se, também, do modo de pensar de pretos e brancos.

Palavras chave:

Língua portuguesa. Linguagem jornalística. Análise do discurso.

1. Introdução:

O presente trabalho é parte de tese de Doutorado em Filologia Românica, apresentada em 1994, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pretende registrar a existência de um discurso específico, que visava a legitimar a escravidão negra no Brasil.

Para tal, praticamos quatro abordagens distintas, a saber:

- o vocabulário mais especificamente ligado ao tema em questão;
- as formações discursivas, num âmbito superior ao vocabulário, que descrevem e manipulam a situação abordada;
- a importância do nome próprio do escravo: a necessidade de se atribuir um nome distinto do que já possuía;
- as frases feitas com as quais a comunidade se apodera da situação e se esforça para que ela se mantenha tal qual.

Neste artigo, trataremos dos textos jornalísticos, sobretudo os que se referem a transações comerciais, praticadas ao redor dos escravos.

Para tanto, procedeu-se ao levantamento de textos autênticos da época em periódicos, como:

- Jornal do Comércio RJ, 1847,1849 e 1851;
- O Município (local), 1877 e 1879;
- O Vassourense (local), 1885 a 1887.

Os documentos escritos foram recolhidos no município de Vassouras, centro de lavoura cafeeira, nos anos de 1838 cinco anos após a fundação da vila (período áureo), até 1887, quando a economia local já mostra sinais de esgotamento.

Escolheu-se o município de Vassouras por ter sido essa região importante polo agrícola, com base no trabalho escravo, reunido nas grandes fazendas de café.

Em nossa formação histórico-cultural, sempre houve hostilidade entre os dominadores e a grande massa de índios, negros, mulatos, cafuzos e brancos pobres. O resultado é a criação de estereótipos, preconceitos, traduzindo uma adesão conciliatória à cultura da classe dominante. Um dos estereótipos mais divulgados é o que diz respeito ao povo negro, tido como instável, sempre procurando apagar seus traços físicos, sinais de sua inferioridade. A assimilação do dado autoritário (realidade sociológica) seguida de transformação em atos de fala (realidade lingüística) é aqui percebida nos enunciados que rodeiam a escravatura.

A assimilação do dado autoritário (realidade sociológica) seguida de transformação em atos de fala (realidade lingüística) é percebida em todo o discurso que rodeia a escravatura.

Por outro lado, sendo a língua um sistema social, uma instituição, ao lado da religião e do direito, falar é sempre um ato social. Se os discursos que se nos apresentam à observação são atos mentais individuais, o indivíduo não cria sua linguagem, apenas “faz uso daquela que a sociedade lhe ministrou, ou lhe impôs, depreendendo-se daí uma *coerção* coletiva” (CÂMARA JR., 1964, p. 24-5).

Mesmo em suas relações pré-científicas sobre a realidade, os povos chegaram a perceber, até certo ponto, a função social e o poder social da linguagem... Os gauleses representavam... o símbolo da força como um patriarca, arrastando atrás de si homens cujas orelhas estavam amarradas à língua dele com correntes de ouro. Essas pessoas... seguem o seu subjogador voluntária e prazerosamente, embora pudessem facilmente libertar-se. Desse quadro... pode-se inferir que, para os gauleses, a força física era nada, comparada ao poder da palavra. E as cadeias que amarravam as pessoas à língua de Hércules eram apenas as palavras que fluíam de seus lábios para as mentes das pessoas. (SCHAFF, 1968, p. 118)

Em relação ao que diz Schaff, observamos que talvez as pessoas possam libertar-se do subjugo do discurso a seu redor, mas não tão facilmente. As formas dos pensamentos de uma pessoa são controladas por inexoráveis leis de padrão das quais ela é inconsciente. E cada língua é um vasto sistema padrão diferente de outros, no qual são culturalmente ordenadas as leis e categorias, mediante as quais a personalidade não só se comunica, mas também “analisa a natureza, nota ou negligencia tipos de relações e fenômenos, canaliza seu raciocínio e constrói a casa de sua consciência” (PENA, 1976, p. 82).

2. Desenvolvimento

A linguagem circulante em torno à escravidão é, evidentemente, a do dominador, já que o dominado, o africano, não dispunha de linguagem prestante para descrever a situação em que se encontrava. Além disso, com a mistura das etnias, o africano se viu obrigado a aprender o português, como língua veicular. A estrutura linguística assume indiscutível participação nos processos de convivência com a realidade, quer física, quer social, além de ser altamente significativa na própria maneira de se organizarem as idéias acerca da realidade que nos rodeia.

O preconceito, com base econômica (como todo preconceito), manifesta-se lingüisticamente em frases feitas, em clichés, em adjetivação estereotipada, em denominações específicas, muitas delas constituídas por africanismos, que assim se incorporam ao vocabulário do português no Brasil, como passaremos a demonstrar.

Na forma de noticiar os fatos, sem envolvimento pessoal ou classista (explícito), transparece a discursividade descrevendo a situação. Aparecem, aqui, os escravos vinculados a todo tipo de transação econômica: compra, venda, aluguel, leilão, seguro, resgate testamento, alienação, empréstimo, hipoteca, penhora, doação, transmissão, depósito e usufruto. Enquanto os editoriais dos periódicos consultados insistem na necessidade de se manter a situação sob controle, os anúncios revelam a desordem reinante nessa mesma situação.

São freqüentes os anúncios de negros fugitivos, reincidentes, a julgar pela menção a castigos anteriores. Nos exemplos aqui apresentados, conservou-se a grafia original.

Fugio da villa de Vassouras, de uma padaria, um preto de nome Bernardo, nação Congo.... tem no beijo de baixo uma cicatriz procedida de um talho que apanhou.... muitas cicatrizes nas costas por ter sido castigado.... gratifica-se a

quem o.... levar.... no lugar denominado Morro da Vaca, em casa de Manoel José da Silva Moreira (JORNAL DO COMÉRCIO, 1/4/1849, p.3)

Fugirão no dia 29 de junho.... do Paty do Alferes, sitio do Tatuhy.... e a escrava Damiana, Benguella.... com falta de três dedos na mão direita.... (O MUNICÍPIO, 05/06/1877, p. 4)

Fugio no dia 8 de agosto.... o escravo Laurentino, creoulo.... tem um aleijão na mão direita, a qual é virada para dentro.... falla bem, e ligeiro e toca viola.... Procede-se com todo o rigor da lei contra quem o açoitar. (O Município, 18/09/1877, p. 4)

Fugio no dia 10 de setembro.... o escravo Clemente.... cor cabra.... falta de dentes na frente.... tem um talho atravessado em um dos braços.... (O MUNICÍPIO, 30/09/1877)

Fugio o escravo Mariano de nação... cor preta, um pouco fula.... anda meio trôpego das pernas por ter estado preso na cadeia de Vassouras por muito tempo, (*Idem*)

Os anúncios associam escravos a outras mercadorias:

Vende-se um preto de nação, de boa conduta, e um espelho dourado, grande com defeito no vidro (JORNAL DO COMERCIO, 06/09/1849, p. 3)

Há um certo cuidado com o preto de ganho, um bem que traz rendimento:

Aluga-se uma preta de nação para casa particular, para o serviço de portas a dentro... (JORNAL DO COMERCIO, 8/1/1849, p. 3)

Aluga-se para casa honesta uma pardinha. (*Idem*, 20/2/1849, p. 4)

Oferece-se para casa de pouca família uma senhora.... não carrega água suja.... (*Idem*, 25/01/1819, p. 3)

É importante a restituição do fugitivo, recorre-se até a meios extraterrenos:

Quem tem seu escravo fugido dirija-se a Bárbara e peca-lhe que obtenha do santo a restituição do escravo. No dia imediato entra-lhe o fugitivo por casa, assombrado, medroso, porque um frade o encontrou no caminho e o perseguiu açoitando com o cordão. (*Idem*, 15/06/1877, p. 3)

As manumissões eram divulgadas, ocorriam por subscrição pública, ou por iniciativa do próprio senhor, em relação a datas significativas, rodeadas de clima emocional, entendidas como presente dos brancos. A liberdade era concedida pelos senhores, louvando-se sua benevolência.

Aos diferentes municípios do Império foi distribuída a quantia de 3.642:521\$506 para ser aplicada a manumissões. (O MUNICÍPIO, 09/08/1877, p. 1 – com o título Elemento Servil)

O Sr. Comendador Luiz Caetano Alves e sua Exma. esposa, fazendeiros da freguesia desta cidade.... para comemorar o feliz regresso de SS.MM. II. conferirão carta de liberdade a sua escrava Henriqueta.... (O MUNICÍPIO, 30/08/1877, p. 1)

Acto louvável – OSr. Dr. Joaquim Corrêa de Figueiredo, no dia 1º do corrente, tendo reunido alguns amigos na casa de sua residência, ao terminar o jantar passou carta de liberdade a sua escrava Custodia.... (*Idem*, 03/01/78, p. 1)

O Sr. João Augusto Pereira de Lacerda, em sinal de regozijo pela formação de seu filho.... libertou o seu escravo Adolfo, de 24 annos de idade (O VASSOURENSE, 16/01/1877, p. 1)

Algumas dessas manumissões fazem-se por subscrição pública ou por verbas governamentais:

.... tem que ser entregues aos escravos abaixo mencionados, por intermédio de seus senhores, as suas cartas de liberdades, concedidas por conta da quota do fundo de emancipação distribuída a este município, e segundo a ordem... (anexa uma relação de 54 nomes de escravos com os nomes dos respectivos senhores). (O MUNICÍPIO, 20/10/78, p. 3-4)

Libertação de escravos: Realizou-se no dia 5 do corrente mez na casa da câmara municipal, a audiência para a entrega das cartas de liberdade aos escravos libertos pelo fundo de emancipação.... O Sr. Dr. António Fernandes Moreira.... dirigio-se a estes, fazendo-lhes sentir que para serem-lhe proficuos os resultados benéficos da lei, que para serem elles úteis a *sociedade, em que vão entrar*, e poderem ser por esta bem aceitos, era mister que não abandonassem os hábitos de trabalho, mas antes se dedicassem a elle com todo o ardor, pois só pelo trabalho poderião ser verdadeiramente felizes, evitando a ociosidade, origem de todos os vícios.... O acto esteve solemne, mas simples e modesto como devia ser. (O MUNICÍPIO, 7/11/78, p. 1)(Grifos nossos)

No dia 28 do corrente iniciou os seus trabalhos a junta classificadora de escravos deste município, composta dos srs. dr. Américo Brasileiro da Costa Moreira.... dr. José de Avellar Fernandes, e major João Corrêa de Brito.... Até que afinal teremos classificados para a 6a. quota. Mais vale tarde que nunca. (O VASSOURENSE, 30/08/75, p. 1)

A frequência com que são mencionadas doenças de pele faz crer serem essas comuns e com nomes genéricos:

Fugirão no dia 29 de junho próximo passado, do Paty do Alferes, sitio do Tatuhy, o escravo de nome António Carpinteiro, de nação Benguella, *bexigoso*, alto, pés grandes.... (O MUNICÍPIO, 5/6/1877, p. 4)

Fugio no dia 28 de setembro próximo passado, o escravo João Francisco, da nação Angola.... com um sinal no rosto de cicatriz, um callo no pé, *cravos e bobas no calcanhar*.... (MUNICÍPIO, 4/10/1877, p. 4) (Grifos nossos)

No dia 20 de dezembro passado, fugio o escravo por nome Marcelino, africano.... tropeiro e roceiro, tem estatura regular é franzino de corpo, bexigoso, um dos pés inchado.... (*Idem*)

As providências, firmemente exigidas, contra as atitudes de insurreiçãõ, eram amplamente noticiadas:

.... o carrasco Fortunato até o presente tem enforcado 88 condenados! (O MUNICÍPIO, 25/04/1878, p. 1)

Por decreto de 7 do corrente mez foi commutada em galés perpétuas a pena de morte, imposta ao réo escravo Rogério... por crime de ferimentos graves praticados na pessoa do feitor da fazenda (O MUNICÍPIO, 13/12/1877, p. 1)

O noticiar dos conflitos prova que a coexistência nunca foi pacífica:

.... o escravo Graciano que há dias se achava fugido, occultando-se entre um pé de café à beira do caminho aggreoio o feitor Agostinho, pardo, libertado.... No dia seguinte Graciano veio entregar-se à prisão confessando o delito. (O MUNICÍPIO, 17/02/1878, p. 1)

... No dia 9 do corrente João, africano, escravo fugido do poder de seu Sr. Augusto Brandão.... ao atravessar a linha férrea na freguesia dos Mendes, a turma de trabalhadores daquelle logar pretendeu obstar-lhe a passagem, originou-se dahi uma luta entre o escravo fugido.... e um dos ditos trabalhadores, ficando ambos gravemente feridos, aquelle com um tiro de espingarda e este com facadas. (O MUNICÍPIO, 21/04/1878, p. 1)

As províncias do Norte não aboliram mais cedo a escravidão e sim, venderam-na, ao contrário do que sempre se afirmou: ter a abolição se iniciado pelo Norte, com liderança do Ceará.

No paquete nacional Pará, procedente dos portos do Norte, e chegado à Corte no dia 8 do corrente, vierão 135 escravos a entregar. (O MUNICÍPIO, 13/09/1877, p. 1)

Chegarão ante-hontem na Corte a bordo do paquete nacional Ceará, procedente dos portos do Norte, 342 escravos a entregar. (O MUNICÍPIO, 06/09/1877, p. 1)

No paquete nacional Bahia, que no dia 6 do corrente entrou nos portos do Norte, vierão 248 escravos e 9 ingênuos a entregar na Corte. (O MUNICÍPIO, 10/01/1878, p. 1)

No pacote nacional Pernambuco, que ante-hontem chegou à corte, procedente dos portos do Norte vierão 238 escravos a entregar. (O MUNICÍPIO, 01/08/1878, p. 1)

Anúncios desse teor encontram-se em praticamente todos os exemplares do referido periódico consultados no período, mostrando tratar-se de ação habitual.

As mulheres são anunciadas por dotes outros, além de sua capacidade de trabalho:

... uma negrinha bonita, com princípio de costura; e o motivo não desagradará ao comprador. (JORNAL DO COMÉRCIO, 25/10/1847)

Vende-se uma linda negrinha, própria para dar de mimo e tem princípio de educação. (7. Comércio, 16/07/1851)

... uma negrinha muito bonita e elegante, muito própria para presente, sabendo coser bem e andar com crianças, a qual é muito carinhosa. (7. COMÉRCIO, 29/01/1851)

3. Conclusão

A manipulação das coisas, embora seja idêntica à assimilação das relações sociais, continua, também, contendo, inevitavelmente, de modo imanente, o domínio espontâneo das leis da natureza. Uma das funções da moral é a inibição, o veto. Os juízos ultrageneralizados são todos eles juízos provisórios, que a prática confirma ou, pelo menos, não refuta durante o tempo em que formos capazes de atuar e de nos orientar. Se o afetivo adere a um juízo provisório, não representa nenhum preconceito o fato de se ter apenas juízos provisórios. Os juízos provisórios e os preconceitos são exemplos particulares de ultra generalização.

O juízo provisório analógico é inevitável no conhecimento cotidiano dos homens, mas está exposto ao perigo de cristalização (fossilização); embora, inicialmente, o tratamento grosseiro do singular não seja prejudicial, pode converter-se num dado irreparável, se se conserva após ter cumprido sua missão. Ao confirmar que todo juízo referente à sociedade é um juízo de valor, devemos acrescentar: na medida em que se apresente no interior de uma teoria, de uma concepção do mundo. Se estudarmos, um por um, os juízos referentes à sociedade de um modo abstrato, será fácil provar que muitos deles não são juízos de valor. Mas, na realidade, nenhum juízo acerca das sociedade existe em isolamento. Todo juízo funciona sempre, explícita ou implicitamente, como parte da

totalidade de uma teoria, de uma concepção do mundo, de uma imagem do mundo.

Para lidar com o elemento servil, como massa amorfa, “gado de dois pés” (WILLIAMS, 1975, p. 230), os senhores viram-se na contingência de expandir o significado de palavras e/ou expressões já existentes na língua portuguesa, assim como importar, juntamente com os cativos, designações para o que lhes era próprio da cultura. Tais denominações foram utilizadas na elaboração de um discurso descritivo e conservador da situação, que a justificasse e regulamentasse. Observamos essa elaboração em trechos selecionados em periódicos da época e local considerados.

Temos, assim, uma amostra dos enunciados publicados em jornais, na época e no local focalizados, com sua maneira de falar, revelando as circunstâncias a envolver o trato senhor-escravo.

Fica, mais uma vez, confirmado, através da análise do discurso da escravidão, ser a língua uma forma de vida social, uma *praxis*, em resumo: uma forma de ação em que o falar é um contrato social entre o sujeito que o produz e os seus destinatários. A língua torna-se um sistema diretor de ações, regulado, submetido a uma forma social, para a constituição e a utilização de modelos da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(além das fontes primárias citadas)

BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Paulo: Atual, 1988.

CÂMARA, JR. Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão 1975.

COSTA, Emília Viotti da. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1966.

ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Riode Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ELIA, Silvio. *O problema da língua brasileira*. Riode Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1940.

- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São. Paulo: Ática, 1988.
- GIPPER, Heimit. A articulação do léxico em campos lexicais e o problema de sua formalização. In: GREIMAS, Algirdas Julien; LANDOWSKI, E. (Org.). *Análise do discurso em ciências sociais*. São. Paulo: Global, 1986.
- IANNI, Octávio. *As metamorfoses do escravo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.
- ORLANDI, Eni P. Funcionamento e discurso. In: *Sobre a estruturação do discurso*.
- PINAUD, João Luiz D. et al. *Insurreição negra e justiça*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1987.
- SCHAF, Adam. *Introdução à semântica*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 1968.
- STEIN, S. J. *Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- VEBLEN, Thorstein. *Teoria de la clase ociosa*. México: Fondo de Cultura Económica, 1944.
- VERON, Eliseo (dir.). *El proceso ideológico*. Buenos Aires: Editorial Tempo Contemporâneo, 1971.
- WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e escravidão*. Rio de Janeiro: Americana, 1975.